



ANIMATO GRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº12 ● 1\$50



OTTO WERNICKE, NO COMISSARIO LOHMAN

Fritz Lang — cujos filmes primam sempre pela sua impecável interpretação — em face da criação assombrosa de Otto Wernicke no comissário Lohman, em «Matou!» escolheu-o de novo para no «Testamento do Dr. Mabuse» incarnar essa figura, uma autêntica personificação do polícia, inteligente e hábil como valente e prudente. Otto Wernicke, que tem em Fritz Lang um grande amigo, não desmereceu a confiança que êste depositou na sua pessoa, pois que logrou do seu comissário Lohman, uma actuação espantosa de verdade e de equilíbrio.

Na capa: NORMA SHEARER



Siegfried Arno e sua mulher Barbara Kirsanoff Arno posando para o álbum fotográfico do Bloco H. da Costa

Já é sabido que as tristezas não pagam dividas. Quando não temos dinheiro para normalizar o dia a dia caseiro, temos pelo menos a esmagadora facilidade de sorrir com alegria. Esse mesmo sorriso de cepticismo bem humorado pode aplicar-se a toda a espécie de coisas com aspecto desastroso. Não há tragédia que resista a uma boa piada. A própria morte, com o seu ar pesado e encantadoramente irremediável, não tem força bastante para funcionar de obstáculo ao riso.

Há pessoas que se irritam com a intercepção do riso nas catástrofes. Ficam incomodadíssimas e dizem que o caso não é para rir. Pobre gente. Deviam ser eliminadas da vida todas as pessoas que não sabem rir.

Siegfried Arno, que chegou há dias a Lisboa onde vem desempenhar um importante papel no primeiro filme do Bloco H. da Costa, é um simpático mensageiro do riso a quem a humanidade muito deve.

Siegfried emana de sua pessoa agradável um visível eflúvio de boa disposição. Não lhe surpreendi ainda, na meia dúzia de vezes que estive na sua companhia, um simples olhar menos alegre. Vestindo com uma certa *recherche* exótica, Siegfried consegue dar-nos, contra o que seria de esperar, a personificação exacta do *gentleman*. Quando chegou trazia um casaco absolutamente verde e uma gravata mais verde do que o casaco. Mas estava tudo muito certo. Eu não quero dizer mal das nossas coisas; mas em todo o caso não estou a ver daqui muitos rapazes portugueses bem vestidos com um casaco verde.

Quando entramos a bordo, Siegfried, que continua na vida normal as fantasias que principia no *set*, desatou a fugir de nós numa correria louca pelas escadas e corredores do paquete, obrigando-nos a organizar um cerco para conseguirmos apanhá-lo.

Quando finalmente se rendeu, Siegfried tentou convencer-nos de que estava tristíssimo. Puxou duma chave que trazia na algibeira e afirmou-nos que se tinha esquecido de fechar a porta da sua casa de Paris. Não podia ficar em Lisboa por causa da porta. Tinha que vol-

Siegfried Arno

O melhor cómico europeu já está em Portugal, onde vem interpretar o Jackson de «Gado Bravo»

gar a Paris para corrigir a miséria da sua memória.

Parecia desolado, mas a desolação de Siegfried é um sentimento impotente. O humorismo é por vezes, como já tem sido dito e redito, um processo de fazer tragédia. O humorismo de Siegfried tem todas as cores menos essa. A sua alegria comunicativa está à flor da pele.

Os membros do Bloco e os redactores de «Animatógrafo» foram os primeiros a entrar a bordo graças à gentileza das autoridades que puzeram na gasolina a sua disposição.

No «Massilia» o António Ribeiro chamou-nos a atenção para o indeciso uniforme dos marinheiros. Uns casacos como os de toda a gente, umas calças correntes, umas gravatas, enfim, o ar normal de quem anda na rua a tratar da vida. Não achamos bem. Um marinheiro deve ser um marinheiro. Que massada. E era para sofrermos contrariedades daquelas que iam ao bordo do «Massilia».

Siegfried contou-nos várias peripécias da sua viagem que eu não tenho bem a certeza se são verdadeiras mas que vendo pelo mesmo preço.

Quando passou por Vigo, foi tomado pelas autoridades locais por um escroc internacional muitíssimo cadastrado. Apanhou um susto como facilmente calculamos e ficou um bocado desconfiado com toda a gente. Perguntei-lhe se ele se parecia efectivamente com o escroc. Disse-me que não, mas que tinha sido exactamente por causa disso que o tinham confundido. Um bom polícia não segue geralmente uma pista fácil. É pouco interessante. Nada mais simples



António Lopes Ribeiro assiste de longe ao trabalho de Nunes das Neves, que procede à filmagem do documentário da chegada de Siegfried



Madame H. da Costa e Siegfried Arno jixam mais uma vez a objectiva de Heinrich Gärtner



Luis de Oliveira, Arthur Duarte, Olavo, Mme. H. da Costa e Siegfried Arno, preocupado porque se esqueceu de fechar a porta da sua casa de Paris

Fotos Gärtner

para qualquer pessoa, mesmo um bandido, do que parecer-se com ela própria. Um bandido célebre tem obrigação de andar disfarçado.

Siegfried travou conhecimento a bordo com um inglês que lhe deu algumas curiosas informações sobre os costumes dos portugueses e até mesmo sobre a sua conformação física. Segundo a subtil versão do viajante inglês, os portugueses têm um grande pastel de bacalhau no lugar onde habitualmente existe o coração. Além disto circula-lhes vinho tinto nas veias e só conversam uns com os outros em ritmo de ado. Como têm um pastel de bacalhau a subs-

tituir o coração, deve tratar-se do fado do bacalhau. Enfim, uma miséria pegada. Tivemos um trabalho para tirar estas ideias perniciosas da cabeça teimosa de Siegfried que se deixa levar muito pelas primeiras impressões.

Siegfried enjoou muito e várias vezes devolveu ao mar o peixe que comeu pelo caminho. Quem assistiu no Central á passagem do documentário da chegada de Siegfried, viu a demonstração feita pelo nosso homem das lamentáveis caretas que a incômoda doença lhe provocou durante a viagem.



Siegfried Arno agüentando como toda a gente célebre a inevitável apresentação aos jornalistas

Siegfried Arno é talvez o melhor cómico alemão. As suas interpretações magistrais ao lado de Anny Ondra fizeram de Siegfried, que já era um famoso actor teatral, uma das melhores figuras do cinema europeu.

Siegfried Arno é muito requestado nos meios cinematográficos e costuma fazer-se pagar caro. O Bloco H. da Costa possui em Siegfried uma das suas mais marcantes personalidades.

Siegfried falou-nos muito de H. da Costa, o seu actual director, que é também um dos seus melhores amigos de Paris. Encontraram-se várias vezes na U. F. A., em Neubabelsberg, onde freqüentemente almoçaram juntos nos intervalos da filmagem duma das suas criações com Anny Ondra.

Ficou com boa impressão de Anny? perguntei-lhe.

«A melhor. Anny é uma grande camarada e uma grande artista que está absolutamente integrada no meu género de espírito. Nos filmes que interpretei com ela: «Anny no Music-Hall», «Anny Faz Tudo», «Viva o Amor», etc., vivi os mais saborosos momentos da minha vida.»

Interessa-lhe o papel que vai interpretar para o Bloco H. da Costa?

«O mais possível. A ideia de trabalhar com tantos e tão bons amigos num filme que se desenrola num ambiente de touros e de campinas portuguesas, encanta-me absolutamente.»

E não tem receio dos touros?

«Não; nenhum. Estou habituado. Na Alemanha, como em toda a parte, encontram-se touros constantemente.»



Siegfried tenta recordar-se se de facto fechou ou não fechou a porta da sua casa de Paris. Temos razões para supor que esta obsessão presseguirá o nosso amigo durante a sua permanência em Portugal

Dias depois encontrei Siegfried Arno com sua mulher Barbara Kirsanoff-Arno, Max Nosseck, Arthur Duarte e outros componentes do Bloco, passeando pacatamente no Chiado. Agreguei-me ao grupo. Entramos no Roiz para ver se estavam prontas umas fotos do Duarte. Não estavam. Saímos discutindo vagamente e dificilmente sobre máquinas fotográficas. Siegfried trazia uma deslumbrante gravata branca ornamentada com ZZZ e NNN estampados a preto. Perguntei-lhe se se tratava de Ziegfried ou Nienfried. Olhou para a gravata e ficou a pensar naquilo admirado.

Perguntei-lhes se iam á tourada no próximo domingo. Eu não sabia bem ao certo, porque nunca estou ao facto, se haveria touros de morte. Mas disse que sim. Havia touros de morte. Ficaram logo com os olhos arregalados á ideia do espectáculo histerico e ainda inédito para eles das tripas vivas dos cavalos a arrastar miseravelmente na areia da praça.

Falou-nos de Portugal, da vida portuguesa, do preço dos hotéis. Siegfried achava tudo baratissimo. Vinha habituado aos preços nervosos de Paris e tudo lhe parecia aqui duma serenidade absolutamente simpática. Pois é, confirmei eu. Portugal é o unico paiz onde se pode viver de borla.



Esta foto foi tirada a bordo dum aviãozinho pequenino que passou a metro e meio de altura. Barbara Kirsanoff Arno, Siegfried Arno e Herbert Lippschitz estão a apreciar as acrobacias do aviãozinho. (fotos Olavo)

Filmes Internacionais Alfama

No último número da «Imagem», num artigo a que o meu nome servia de epígrafe, — espécie de carta aberta que nada me custou receber, por ser gentil para comigo e de segundas intenções tão transparentes que seria injusto considerá-la suspeita, — Chianca de Garcia dizia-se partidário dum cinema 100 por cento nacional, e reconhecia-me inclinado a realizar filmes a que chama, com muita propriedade, internacionais, fórmula que o autor condena com decisão — e sem dizer porquê.

Por ser verdade, aqui vou passar certificado, para que conste e sirva os devidos efeitos.

A arte não tem pátria. Os artistas têm-na, é certo. E o fogo patriótico que lhes transmitem, desde os bancos da escola, os livros de instrução primária, leva-os a dar às suas obras um cunho que assinala a terra em que nasceram, forçando a classificação geográfica, sempre artificial, mas sempre cômoda.

Assim como a pintura pode dividir-se em escolas nacionais (flamenga, italiana, francesa, espanhola, portuguesa, etc.), o cinema tolera a mesma classificação: escola americana, alemã, francesa, russa, italiana, etc. Mas tal classificação refere-se exclusivamente aos motivos, à maneira de os apresentar — e nunca ao alcance da obra realizada.

Um filme de King Vidor, de Fritz Lang, de René Clair, de Eisenstein, de Carmine Gallone, tem tão patentes as características da pátria do autor como um quadro de Jean Steen, de Rafael, de Greuze, de Zuloaga ou de Nuno Gonçalves. Mas qualquer dêles se destina aos olhos de toda a gente, sem distinção de raças nem de pátrias.

Podem contudo fazer-se filmes que só tenham um sentido estritamente nacional, diremos mesmo local. Podem ser excelentes, como factura e concepção. Mas não estão dentro das leis universais que regem o cinema, arte espectacular; não cumprem o seu dever cinematográfico. Têm o interesse restrito das recitas de quintanistas.

O cinema não se conforma com fronteiras. Um filme precisa ser, por definição, internacional. As vantagens artísticas e comerciais dessa política são óbvias e aceites, não pela rotina, mas pela experiência.

Digo aqui filme internacional na acepção de filme susceptível de se estender com agrado perante o público de nações diferentes, e portanto de diversa sensibilidade e educação. Só assim — e isso serviu de tema para um artigo anterior (1) — se pode compreender e executar a propaganda nacional pelo cinema.

Para o prestígio da pátria, para servir de isco turístico, de instrumento cultural ou de elemento de formação artística, não serve qualquer comédia animada com trocadilhos e larachas. É preferível um documentário de toiros, onde haja ar livre, luz vigorosa, beleza e equilíbrio.

Se me referisse a filmes internacionais no sentido de colaboração de artistas e técnicos estrangeiros com a rapaziada cinéfila cá do sítio, também não era mal. Sempre me parece mais indicado ir buscar mestres habilitados a Neubabelsberg que andar à procura de cineastas inatos no Parque Mayer. Por mim, prefiro a confusão poliglota da Torre de Babel, que sempre procurava realizar um sonho grandioso, à intriga pequenina dos cercos de leitaria ou de farmácia.

Mas isso não vem para o caso, que é mais sério.

Não é difícil demonstrar que podem fazer-se filmes internacionais sem sacrifício do património luteado. O próprio Leitão de Barros o mostrou, com largueza e inteligência — irmã da pouca sorte. «Maria do Mar» tão português, é um filme internacional típico. A própria «Severa» só não o foi por excesso de Academia das Ciências — e insuficiências técnicas.

Por mim, — espero fazer filmes internacionais. E é claro que isso não me impede de achar um piadão às caras do Vasco Sant'Ana, às piadas do Zé Galhardo e aos gags do Cottinelli.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

(1) Nacionalismo, «Animatógrafo» n.º 10

Eduardo Romero foi uma das criaturas mais interessantes da sua geração justamente apreciada pelo seu fino trato, e elegante democracia, inteligência e bondade.

Com uma assistência numerosíssima estreou-se sexta-feira no Teatro de S. Carlos a peça do nosso querido camarada António Botto cujo inegável talento era de ante-mão uma garantia de triunfo.

O poeta admirável das «Canções» demonstrou numa maneira infosmável os seus recursos de dramaturgo, tendo a sua estreia as proporções de uma verdadeira consagração.

Muitos se contentariam em acabar onde António Botto começa. Mas sente-se que o autor de «Alfama» é ainda capaz de nos dar obras melhores, embora esta já seja consoladora das exigências do nosso espírito crítico nada afeito a teatro português verdadeiramente teatro e verdadeiramente português.

O Bloco

É notável a rapidez com que foi organizado o Bloco H. da Costa e os trabalhos preparatórios do primeiro filme. *Gado Bravo*, de que ainda há bem poucas semanas anunciamos a próxima realização, vai ser principiado dentro de breves dias.

Não nos devemos admirar muita da fluente normalidade com que tem sido posta em prática a ideia de H. da Costa. É a lógica resultante dos pensamentos bem construídos, bem medidos e completamente alheios à frágil teoria dos castelos no ar. H. da Costa arquitetou habilmente o seu plano, previu tudo, pôs as cartas na mesa e venceu a partida.

Outra prova iniludível do «savoir-faire» de H. da Costa é a admirável rapidíssima afinação que tiveram todos os serviços inerentes à actividade do Bloco.

Raul de Carvalho

Raul de Carvalho, o galã português que toda a gente conhece e admira incondicionalmente, vai, de facto, como se esperava, interpretar o primeiro papel masculino do filme *Gado Bravo*, ao lado de Nita Brandão, Olly Gebauer, Siegfried Arno.

Já foi assinado o respectivo contracto e agora só nos resta cumprimentar o nosso amigo, simpático e talentoso artista, pela distinção bem merecida que lhe conferiram, dando-lhe uma excepcional ocasião de pôr à prova o seu talento, trabalhando com artistas de nomeada mundial.

Leitão de Barros

De regresso de Paris, onde esteve durante algumas semanas, a traquinar no estúdio da Tobis, com vistas à preparação do seu próximo filme, tivemos o prazer de abraçar Leitão de Barros, grande artista e amigo verdadeiro.

Sempre gentil, Leitão de Barros publicou no *Notícias Ilustrado* um artigo assinado pelo seu próprio punho, em que manifestava publicamente a sua simpatia e o seu apoio ao Bloco H. da Costa, que tem nesta casa a mesma consideração que nos merece o nosso director.

Porisso lhe agradecemos efusivamente.

Primeira manivelada

A Tóbis Portuguesa convidou a Imprensa para assistir à estreia oficial, desta vez cinéfilamente oficial, dos seus aparelhos de tomadas de vistas e de sons em plena acção no seu primeiro filme sonoro.

Não queremos deixar de cumprimentar a Tóbis Portuguesa pelo facto notável de ter principiado já o seu filme, agradecendo-lhe também a gentileza que teve em convidar-nos.

Panorâmica

Eduardo Romero

No dia 8 do corrente faleceu em Le Loup-sur-Mer, Nice, uma das individualidades mais interessantes do cinema francês de há alguns anos, Eduardo Romero e Gusmet, português de origem, embora nascido em Sevilha, foi uma figura muito apreciável do cinema silencioso tendo sido muito frequentemente aproveitado em papeis de uma relativa importância e tendo feito parte do elenco de *Koenigsmark* — um dos filmes franceses de maior fama — havendo nele, e sob a direcção de Leonce Perret, realizado uma caracterização cheia de finura e de elegância.

Interpretou também vários papeis em «Le Stigmaté» no «Príncipe Fasil» produções da Gaumont, e em vários filmes da U.F.A.

Uma anedota significativa do grande amor que Eduardo Romero consagrava ao cinema e contada pela sua própria família, traduz perfeitamente a fé que ele tinha nos destinos do cinema e a confiança que sabia inspirar a todos aqueles que o escutavam:

Tendo o seu filho Eduardo encarregado um amigo comum de o desviar da vida do cinema, Eduardo Romero, em contacto com o emissário, convenceu este de que o cinema era arte que os merecia a todos e persuadiu o amigo a entrar num filme, o qual este fez, representando um pequeno papel de oficial de engenharia.

Atualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRAFICAS DE TODA A PARTE

Jean e Douglas vão reconciliar-se?

O caso conjugal de Douglas Fairbanks Jr. e Joan Crawford continua sendo o assunto predilecto dos *potins* de Hollywood. O que, no entanto, parece ter desaparecido é a sombra do divórcio que até há pouco se julgava inevitável depois da ruidosa separação de ambos, após quatro anos de um matrimônio aparentemente feliz. E, até mesmo, segundo o que refere a imprensa americana, não se deve duvidar duma próxima reconciliação entre os dois simpáticos esposos. E' mesmo o que parece desprender-se das afirmações que ambos fizeram a um jornalista de Hollywood.

«Desde há dois anos, confessou Douglas, tornei-me um vulgar marido americano, indiferente, distraído. Esquecera-me, durante esse tempo, que deveria ter sido o amante de minha mulher. Perdendo-a compreendi então que ela era tudo para mim; por isso farei o impossível para a reconquistar.»

Joan, por sua vez, disse: «Ainda hoje amo meu marido. Fui bastante infeliz, não pelo que Douglas me tivesse feito ou dito nestes últimos meses, mas exactamente pelo que ele deixou de me dizer ou fazer. Quero tornar a encontrar o homem que conheci nos primeiros tempos de casada. Pode considerar-se um crime para uma mulher o procurar ser amada com entusiasmo?»

Estão como se vê, as coisas neste pé, o que parece indicar uma breve reconciliação entre os dois esposos, cuja separação tanta tinta tem feito correr...

A TOBIS sofreu prejuizos

Foi agora tornado público o balanço de International Tobis Co. Ltd., a conhecida companhia fabricante de aparelhagem sonora que em alguns países se dedica também a pro-

dução de filmes, e a qual tem filiais em quasi todos os países da Europa. Segundo esse balanço, o exercício de 1932 acusa um prejuizo de 15.388 dólares que junto aos prejuizos sofridos durante os anos anteriores prefazem a importante soma de 192.000.

O gabinete do Dr. Caligari vai ser outra vez realizado

Robert Wiene, o homem que há uns doze anos revolucionou o mundo do cinema com o seu famoso *Gabinete do Dr. Caligari* que entre nós se exibiu uns oito anos depois de realizado, encontra-se presente-

mente em França atingido pelas disposições inexoráveis de Hitler contra os judeus.

Ora Wiene, segundo agora foi anunciado, tem a intenção de refazer a sua audaciosa e celebrada obra, que tanta celeuma causou no mundo inteiro quando da sua apresentação. Para encarnar a personagem de Caligari, que Werner Krauss desempenhou magistralmente, indigita-se o nome de Michel Simon, possivelmente hoje um dos mais extraordinários temperamentos do teatro e do cinema francês.

Se essa ideia for avançada, o conhecido dramaturgo Henry Lenormand escreverá o «cenário» e o célebre pintor Franz Meserel fará os «edecoss».

Já se sabe o título do segundo filme de Greta Garbo

Conquanto *Rainha Christina*, o filme que marca a reentrada de Greta Garbo no cinema, após uma longa ausência da actividade dos estúdios e depois de ter assinado o fantástico contrato que «Animatógrafo» reve-

lou há pouco, foi escolhido já o assunto do seu próximo filme. Será uma transposição cinematográfica da novela de Somerset Maugham, o autor que viu já duas obras suas transpostas para o cinema — *Sadie Thompson* e *Ciclone* — intitulada *The Painted Veil* (O Veu colorido).

Kay Francis

a artista mais elegante do cinema

A Kay Francis, a simpática e elegante morena que é também uma dos mais interessantes temperamentos de artista que conta o cinema Yankee, acaba de lhe ser atribuído, por um comité dos costureiros americanos, a elevada e importante menção da artista mais requintadamente elegante de cinema de além-Atlântico, isto em virtude do bom gosto, da beleza e do bom estilo dos vestidos por Kay Francis usados não só na tela como até na sua vida particular, fora do cinema.

Flashes

■ Eleonor Boardman, que recentemente obteve o divórcio do encenador King Vidor, encontra-se actualmente em Londres, que visita pela primeira vez.

■ Wallace Beery, ao contrário dos boatos que a esse respeito chegaram a correr, acaba de renovar por mais cinco anos — contrato que desde 1929 o liga à Metro Goldwyn.

■ O encenador suíço Vitor Trivas vai dirigir a versão cinematográfica da obra de Vitor Hugo «93».

■ George Arliss, o grande actor de teatro que por várias vezes tem prestado ao cinema a sua valiosa colaboração — ele terminou há pouco para a «Warner Bros» o filme *Voltaire* — encontra-se de passagem em Paris para a Inglaterra, onde passará a trabalhar, não tendo intenção de voltar aos Estados Unidos.

■ Michel Simon, Blanche Montel, Roland Toutain, Almerie, Pauline Carton, Lulu Vathier e Hieronimus interpretam, sob a direcção de Henry Diamant Berger, o filme *Miquette et sa mère*.

■ Em Inglaterra Alexander Korda realisa o filme de ambiente histórico *Henry III*, de que é protagonista Charles Laughton.

■ Gustav Froelich e sua mulher Gitta Alpar, que não há muito vimos em *Esta... ou Nenhuma*, estão presentemente representando num dos principais teatros de Viena.

■ Aimé Simon Girard, o «D'Artagnan» dos *Três Mosqueteiros*, Simone Deguyse, o cómico Dranen e Etchepere são os intérpretes de *Championnat malgré lui*, que Fred Heliss dirige.

■ Jack Holt, o excelente actor americano, acaba de divorciar-se de Margaret Wood, depois de 18 anos de matrimónio.

■ Frances Dee que durante algum tempo pertenceu ao elenco da «Paramount», ingressou agora na R. K. O.

■ Eleanor Merry acaba de apresentar seu marido Tom Moore, o mais popular artista americano de há uns dez anos, com um bebé.

RAMON NOVARRO



vai interpretar de novo «Romance dum rei»

Ramon Novarro que depois da sua pouco feliz aparição num music-hall francês, foi gosar umas semanas de férias à Suíça, em Gruyère, a pátria do famoso queijo, deve chegar a Hollywood dentro de um mês.

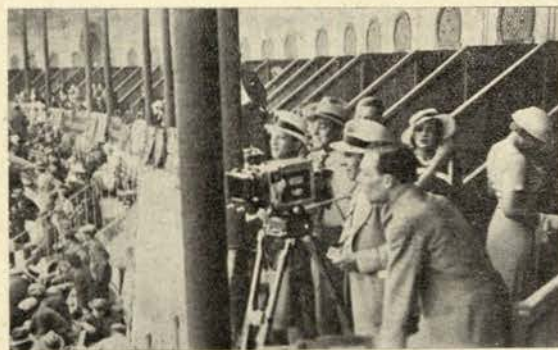
Quanto ao novo filme que irá interpretar quando for da Europa, parece não estar ainda bem assente qualquer coisa sobre o assunto. Assim é que depois de se ter dito que W. S. Van Dyke o iria dirigir em *The Laughing Boy* (O rapaz sorridente) que se inspiraria numa novela de Oliver La Farge, em que é focada a vida dos índios americanos, chegamos agora a notícia que Ramon será o protagonista de *Romance dum Rei* extraído da obra de Sir Anthony Hope, em que terá por *leading lady* Jeannette Mac Donald.

Ora caso curioso; foi na primeira versão daquele filme, realzada há uns onze anos por Rex Ingram, que Ramon fez a sua estreia na tela, quando se chamava ainda Ramon Samanegros...

Alice Terry, Lewis Stone e a desditosa Barbara La Marr interpretavam também aquela primeira versão.

Eleanor Boardman foi condenada a pagar o que devia a um detective

Eleanor Boardman, a esposa divorciada do encenador King Vidor, que ainda há pouco ganhara uma acção que contra o seu ex-marido intentara, pela qual ficou recebendo uma pensão mensal de 500 dólares, compareceu agora, por sua vez, ante o juiz em virtude de se ter recusado a pagar os serviços do detective Lucien C. Wheeler, prestados durante a marcha do seu divórcio de King Vidor, por os achar exagerados. Desta vez, no entanto, o tribunal não se comoveu e condenou-a a pagar a soma devida àquele detective, que atinge 1250 dólares...



Na tourada de sábado 10 filmaram-se alguns planos de publico e da corrida que serão utilizados na montagem de «Gado Bravo». Vêm-se nesta foto Max Nosseck, Gartner, Artur Duarte, António Lopes Ribeiro, Nita Brandão e Oly Gebauer

Os salários das estrelas de Hollywood

por GREGORY JOYCE

Acreditem ou não, a verdade é que o dinheiro vai-se tornando raro em Hollywood.

Corta-se nas despesas e os salários são reduzidos. As estrelas que até agora ganhavam salários variadíssimos dos mais elevados aos mais baixos, parece que vão ter todas o mesmo ordenado. Todas, porém, querem ganhar muito, e eis aqui todo o problema.

Em Hollywood os ordenados são uma verdadeira confusão. Todos os artistas estão, ou excessivamente bem pagos, ou bastante mal pagos. É um sistema pouco feliz. Enquanto o resto da América sofre de inflação, em Hollywood as estrelas esperam que os seus ordenados se valorisem, desejando uma verdadeira deflação. Assim os estúdios, com o pagamento na próxima falência, fazem longos contratos, aumentam a produção ao mesmo tempo que fazem cortes nos orçamentos privativos.

Enquanto a situação se mantém estacionária todos estão mais ou menos contentes e Hollywood poderá viver ainda por algum tempo sem cuidados. Mas quanto tempo se manterá esta situação?

Entretanto nem toda a gente está já hoje satisfeita, pois que já neste momento uma maioria de pessoas detentoras de ações de algumas das produtoras se irrita com os salários exorbitantes de algumas estrelas, que ultrapassam imenso o que estas precisam para o seu luxo pessoal e despesas gerais, queixando-se que os dividendos não são distribuídos com tanta generosidade.

Com certeza ouviram falar do celebre caso de James Cagney e dos seus dois ordenados.

James que estava ganhando aproximadamente 450 dólares por semana, e que é em Hollywood um salário

modesto, de repente passou a ganhar 1.450.

Desta arte James Cagney que julgava ouvir já o tilintar dos milhares de dólares que ganhavam William Powell e Ruth Chatterton ficou admirado. A verdade é que não havia razão para isso. Ruth Chatterton tem um ordenado de 375.000 dólares por um período de dois anos.

E Powell tem um contrato que lhe garante por quarenta semanas um salário semanal de 8.000. Cagney estava ganhando portanto um sexto desta importância. Depois de hesitar um tanto rompeu com a maior das simplicidades esse contrato e foi para Nova York fazer a propaganda, por meio do cinema, da profissão médica, iniciando assim a primeira rebelião dos artistas de cinema. Ainda lhe ofereceram 1.750 dólares por semana para que ele retomasse o trabalho, e todos sabem que lhe foram feitas ofertas até 3.000.

O caso de Cagney é típico. Há uma dúzia de outros exemplos com estrelas que recebem salários que não estão de acordo com o seu valor. Outras, são notoriamente mal pagas mesmo quando se encontram nos píncaros da celebridade. Esta situação complicada, mantida pelos



A Clark Gable o-lhe diminuído o ordenado de 2.500 para 750 dólares...

produtores e pelos banqueiros, parece tornar-se de dia para dia mais difícil.

Quando ultimamente os salários foram reduzidos de 40 % durante os oito dias da trégua bancária americana, abriu-se o precedente das reduções.

Mas a verdade é que semelhante operação deu origem aos problemas mais intrincados, requerendo cada um deles as soluções mais diversas. Algumas estrelas eram pagas às semanas, durante as 52 semanas do ano. Outras somente por 42 semanas no mesmo período. Poucas tinham contratos de 32 semanas. Algumas estrelas eram pagas por filme.

Finalmente outras recebem uma percentagem no rendimento dos filmes em que figuram.

A Ac demir do Cinema considerou o problema e certou o nó gordio, considerando todos os contratos como se fossem de quarenta semanas.

Regras especiais se estabeleceram para artistas que eram pagos pelo seu trabalho em cada filme. Estabeleceram-se leis protegendo as estrelas que trabalham para casas em risco de falência, e outras prevendo até a suspensão do contrato.

Ninguém imagina qual será a média do salário futuro, mas este parece sombrio para os que ganham muito dinheiro. Poucos, se os há, julgam que poderão subir até as somas fabulosas que chegaram a receber Colleen Moore e Clarence Griffith nos seus tempos aurosos da First National, cerca de 10.000 dólares por cada semana e durante todo o ano.

Ninguém actualmente consegue receber 50.000 por semana por uma só película, como John Mack McCormack quando fez *Song O' my Heart*.

Em tudo os contratos são tremendos.

O fabuloso salário de Constance Bennett que montava a 150.000 dólares por mês (isto passou-se há dois anos) foi agora ultrapassado por o de Ann Har que ganha 200.000 por filme, com a possibilidade de ser aumentada até 300.000. George Raft, o guarda costas de *Scarface*, que ganhava até há pouco 240 dólares por semana, pensa afastar-se, com outros seus colegas, do elenco da Paramount se lhe não aumentarem consideravelmente o ordenado.

Ninguém sabe qual será o sucesso dos novos filmes de Greta Garbo mas o que desde já se pode afirmar é que ganhava de início 10.000 dólares por semana e agora ganha 750 mil por ano. Marie Dressler, da que maior ordenado recebem da mesma empresa, a Metro, está agora com 2.000 semanais com um contrato regular que lhe assegura uma considerável percentagem no lucro dos seus filmes, tendo sido tratada a expensas do estúdio durante a sua última doença. Entretanto há entre Marie Dressler e Wallace Beery uma grande diferença, pois que este recebe



Marie Dressler é uma das atrizes americanas mais bem pagas

Wallace Beery também ganha 5.000 dólares semanais



VIDA NOCTURNA

UM CASO EMPOLGANTE

Mac Donald é o proprietário dum club nocturno cuja frequência é das mais duvidosas. A esposa, que exerce as funções de caixa do estabelecimento, odeia-o cordialmente, e para até certo ponto dele se vingar mantém relações com o dansarino Klauss que tem na loira e simpática Ruth Taylor a sua *partner* preferida.

Certa noite a atenção de Ruth é atraída para um rapaz que se sentara solitariamente numa mesa a um canto do salão. Estava consideravelmente embriagado. Ruth conseguiu saber não só que se chamava Michael Brand como também que a mãe dele havia poucas horas tinha assassinado o marido no próprio quarto da amante, a mundana Edith Clair.

Esta, depois, procura no «bar», o jovem Rand, insistindo para que a ouça. Assegura-lhe que as suas relações com Mr. Rand tinham sido sempre meramente platónicas, não havendo, portanto, qualquer razão para o gesto inconsiderado de Mrs. Rand.

Sob a acção do álcool, e ante uma tal revelação, Michael indignado com a atitude de sua mãe, exproba em altos gritos o seu gesto criminoso. Isto origina no club um grande escândalo a que o seu proprietário, Mac Donald, habilidosamente põe termo, inutilizando momentaneamente o rapaz com um formidável sôco. Levam-no para uma sala contígua onde Ruth lhe presta os primeiros cuidados.

Um contrabandista de álcool, que deveria ter na mulher de Mac Donald uma aliada em virtudes suas atitudes furtivas de mutuo entendimento, vem protestar contra o facto de Mac Donald ter passado a abastecer-se de bebidas dum outro grupo rival.

E em certa altura, a senhora Mac Donald consegue, subtilmente, extrair as balas ao revólver do marido...

Entretanto Rand recupera lentamente a consciência. Sua mãe, posta ao facto do estado do filho, procura-o no club. O rapaz censura-a ásperamente.

E aquela, em face das palavras do filho,



começa a sentir por este o mesmo rancôr que nutria pelo marido, com quem se casara unicamente na mira da sua fortuna e situação de destaque na sociedade. Deixa o filho; e ao sair cru a-se com Mac Donald que, entretanto, de surpresa, encontra a mulher nos braços de Klauss. Um violento sôco na cara do dansarino põe imediatamente termo ao idílio...

Ruth e o jovem Rand jantaram juntos. O rapaz sente-se profundamente tocado pela amizade sincera da rapariga.

E sugere-lhe então um longo passeio de noivado pelas tranquilas e edénicas ilhas dos Mares do Sul...

Mas um tiro veio apagar a resposta de Ruth.

O porteiro Tim Dollen fôra morto pelo bando de gangsters inimigos de Mac Donald, os quais vieram fazer uma visita inesperada ao club de Mac Donald com o firme propósito de o liquidarem.

E um tiro parte da metralhadora de Limpy, um dos bandidos, que atinge mortalmente Mac Donald. E a sua digna companheira sofre também igual pena...

Ao repararem que Rand e Ruth tinham presenciado a cena, foi resolvido fazer desaparecer testemunhas tão pouco oportunas. A arma de Limpy se encarregaria dessa fácil missão...

E nasce aqui o grande conflito que torna *Vida Nocturna* uma das mais emocionantes películas que nos foi já dado ver, focando o ambiente curioso do meio em que a acção decorre.

Os «*Speakeasies*», as casas suspeitas de Broadway com toda a sua banda característica *Vida Nocturna* de cuja distribuição fazem parte Lew Ayres em *Michael Rand*; Mac Clark em *Ruth Taylor*; Boris Karloff em *Mac Donald*; Hedda Hopper em *Mrs. Rand*, Russell Hopton (*Klauss*) e Dorothy Revier (*Mrs. Mac Donald*), é um exclusivo da Agência Cinematográfica H. da Costa

Uma piquena declaração formal a JEAN HAR LOW

Senhora Dona Vedeta.

*Esta manhã,
num jornal italiano
contemplei o seu retrato :
— Bonita fotografia !
Posição original
Duma linda rapariga,
— Flôr de sonho e de magia !*



*Gosto da perna direita ;
E muito mais — acredite,
Que da outra ; a perna esquerda
Está, talvez, um bocadinho,
Num exagêro marcado ;
E os braços — parecem cordas .
Resistentes e formosas,
Mas aonde eu gostaria
De ficar bem enforcado
— Depois de a cobrir de rosas .*

São disparates, não acha ?

*Mas, creio que ficam bem
Nesta expansão
De quem dáva qualquer coisa
Para a vêr — inda que fôsse,
Apenas só de relance . . .*

*Porque eu em questões de amor.
Fui sempre um homem sem chance,*

*A's vezes,
Lá consigo insinuar-me,
Quando me preparo, — é claro,
Muito a sós, fazendo bôças
E trejeitos modernistas
Diante da superfície
Dum velho espelho que eu tenho;
— Recordação de um noivado
Que foi quebrado a martelo
Pela mão dela — uma velha
De feitio complicado . . .*

*Sei que é loira, sei que é linda,
E sei também que lhe chamam
A Princesa —
Dos cabelos de platina.*

*Mas, fiquei triste ; — e porquê?
Oxalá que assim não seja :
— Dizem que toma morfina .*

*Se assim é, — e se o que eu digo
Vale a ponta dum sorriso,
Não use drogas fictícias,
— Para quê? . . . — Não é preciso .*

*Entregue o seu corpo jovem
A' vida — deixe-o singrar
Nos vai-vens da ilusão ;*

*— Embora guarde p'ra mim
Apenas o coração .*

ANTÔNIO BOTTO

dois belos filmes

Audiência imperial

É uma cine-opereta alemã de fino traço suavemente humorístico, no corte e no feitiço, realizada com um agudo sentido cinematográfico, um bom gosto e uma despreocupação tão notável e elegante que o seu tom se torna tão grato que chega mesmo a ser amável, insinuante e até engenhoso.

Outro mérito deste filme tão interessante, consiste na mobilidade e alegria com que os cenários desaparecem para dar lugar a outros sempre felicíssimos, resultando esta qualidade da *Audiência Imperial* como verdadeiro triunfo para a arte cinematográfica. As cenas que assim se transformam ganham em leveza, enquanto a acção se concentra, solicitando vivamente a atenção do espectador que se mantém desde o princípio ao fim sem cansaço, e com um interesse crescente.

O argumento contribui também poderosamente para isto, resultando imprevisto e cheio de graça.



AUDIÊNCIA IMPERIAL
COM MARTHA EGGERTH



Um velho aristocrata cavalheiresco apaixonado-se por quantas raparigas novas e bonitas encontra. Seu filho, tenente dos Hussards procura evitar que ele contraia novo matrimónio, fingindo-se ele próprio enamorado das raparigas que o pai pretende, e valorizando as suas qualidades de galã.

Chegou porém a vez de uma por quem o tenente dos Hussards se apaixonava de verdade e daqui resultam os mais divertidos equívocos até que chega o fim lógico que o público sempre apetece: o casamento dos dois namorados.

Martha Eggerth tão boa actriz como inolvidável cantora, delicia-nos como sempre, admiravelmente secundada pelos outros intérpretes, entre os quais devemos salientar Paul Horbiger, actor de grande classe e de admiráveis recursos.

O director Friederic Zelmik, e os seus colaboradores e intérpretes provaram mais uma vez as suas comprovadas possibilidades.

O club dos suicidas

Baseado em quatro novelas de Edgar Poe e Stevenson *A Mulher emparedada*, *O Museu do Crime*, *Os Doidos* e *O Club dos suicidas*, o filme com este título que Richard Oswald realizou com a colaboração dos cenaristas Heinz Soldberg e Lugen Szatanazi consegue empolgar de tal forma os espectadores que quasi podemos supor que cada um deles foi transportado ao verdadeiro ambiente em que se passa a acção do filme, tendo sido a novela de Stevenson que deu o título à película, admiravelmente explorada, justapondo-se-lhes perfeitamente as outras num arranjo verdadeiramente primoroso.

Algumas das cenas principais

mente, realizadas com agudo sentido cinematográfico são felicíssimas como por exemplo a do manicómio, extraordinária de relevo e resultando muito bem como espectáculo.

Paul Wegener, numa interpretação surpreendente, consegue ultrapassar-se a si próprio interpretando a figura do inventor com uma admirável consciencia e um consumado conhecimento dos recursos cinematográficos.

Harold Paulsen, no papel do jornalista prova, sem dúvida, estar à altura no desempenho de tão difícil papel.

O grande operador Heinrich Gartner, que presentemente se encontra em Portugal, conseguiu uma fotografia impecável de relevo e volume e que não é demais encarecer.

Audiência Imperial e *Club dos Suicidas*, são apresentados em Portugal pela Sonoro Film.



O CLUB DOS SUICIDAS
COM PAUL WEGENER

AS INICIATIVAS DE

O CONCURSO entre os assinantes que vai levar um dêles a NEUBA- BELSBERG — QUINHENTOS ESCUDOS a quem indicar a mais bonita lenda PORTUGUESA

Na correspondência dos últimos dias chegam-nos também algumas cartas de leitores aflitos que nos perguntam desamparadamente se votámos ao ostracismo o nosso famoso concurso das viagens a Berlim.

Não, leitores amigos; que ideia triste que vocês tiveram. «Animatógrafo» leva sempre até ao fim as mais arrojadadas iniciativas. O nosso silêncio do número passado sobre este assunto palpitante, foi devido não só à tremenda falta de espaço com que lutamos mas ainda porque, tendo sido adiado o prazo do sorteio e conhecendo os nossos leitores de cór as condições do concurso, não valeria a pena prejudicar o desenvolvimento doutros assuntos de mais actual interesse.

Isto, evidentemente, não significa nem de longe que nos tenhamos desinteressado do assunto. Pelo contrário. H. da Costa já por três vezes nos escreveu desde o penúltimo número do «Animatógrafo», falando-nos do seu concurso das viagens e anunciando-nos definitivamente para Setembro, como de resto já tínhamos anunciado, o sensacional sorteio dos prémios que saciará enfim a enorme ansiedade com que os concorrentes a esperam.

«Animatógrafo» continua a reunir grande número de novos prémios para juntar aos que já existem e aumentar assim o interesse do concurso, conseguindo com isso que os concorrentes nada percam com a demora.

A razão de peso para o adiamento do sorteio já foi explicada no penúltimo número passado de «Animatógrafo». Os estudos da U. F. A., que deverão ser visitados pelo cinéfilo premiado, encontram-se actualmente desertos por se estar procedendo ao estudo da produção para a próxima época. Neste momento a visita prometida não teria o menor interesse. H. da Costa pretende mostrar ao seu premiado um grande estúdio em plena e agitada laboração. Além disso o mês de Setembro coincide mais exactamente com a época das férias dos estudantes que perfazem a maioria dos nossos concorrentes, que poderão assim deslocar-se de Lisboa sem prejuízo para a sua vida habitual.

Segue a lista dos prémios:

1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTUDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádio-fónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modelo 1933.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além destes três prémios de primeiro plano, haverá mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da *Fábrica Nally*, etc.

H. da Costa, director da produção do Bloco, encarregou a revista «Animatógrafo» de abrir um curioso inquérito que se destina a fazer ressurgir, por intermédio dos nossos leitores, a mais interessante lenda portuguesa.

Esse inquérito, que já foi aberto no número passado, interessou muitos cinéfilos e principalmente os leitores da província de quem já recebemos inúmeras cartas pedindo-nos informações detalhadas sobre o assunto.

Informações já nós as demos todas. Nada ou quase nada temos a acrescentar. O inquérito lançado por «Animatógrafo» é duma simplicidade a toda a prova e não tem complicações que seja necessário esclarecer. No último número da nossa revista apresentávamos claramente todos os detalhes do inquérito e dávamos todas as explicações.

H. da Costa resolveu aproveitar alguma dessas lendas para argumento dum dos seus filmes. Essa ideia obedece, não a um simples capricho de produtor mas sim à tendência, sempre manifestada por H. da Costa, para realizar filmes essencialmente portugueses. Nada como uma lenda portuguesa pode dar mais facilmente pretexto ao aproveitamento em cinema do nosso folclore, dos nossos costumes e da nossa maneira de sentir.

Os leitores que queiram responder

ao nosso inquérito não terão certamente um excessivo trabalho em fazê-lo. «Animatógrafo» que é talvez o vosso amigo menos complicado, limita-se a dirigir-vos uma pergunta cuja resposta lhe parece fácil:

Qual é a mais bonita lenda portuguesa?

Em face disto, vocês não terão mais do que olhar para o tecto com um ar vagamente pensativo e procurar na vossa memória a recordação provável duma lenda que a avóinha vos tivesse contado há muitos anos, quando os vossos olhos recusavam teimosamente a fechar-se para dormir. A memória é uma caixinha muito leve e aparentemente vazia, mas donde saem as coisas mas inesperadas.

Se rialmente não encontrarem nada na memória, não desanimem. Procurem por outro lado; perguntem aos vossos amigos que cometem o crime de não comprar o «Animatógrafo» e que portanto não sabem do inquérito, e tentem ganhar alguns dos prémios com a lenda que eles vos contarem.

Mas tenham cautela porque nem todas as lendas servem. Evidentemente, se vocês nos vierem impingir aquelas massadas que vêm nas Histórias de Portugal da instrução primária, ficaremos com certeza muito contrariados e a fazer uma ideia muito triste da ideia que vocês fazem de nós.

Mas estamos certos de que não vos será difícil desenterrar do esquecimento uma lendinha menos conhecida. Se a encontrarem, mastiguem-na bem, sintetizem-na, escrevam-na em meia dúzia de linhas que poderão ser esticáveis até ao limite duma folha de papel dactilografada, e enderecem-na para Animatógrafo, com referência no subscrito ao concurso das lendas. Num dia que anunciaremos depois, reunirá o júri composto por várias personalidades do Bloco e dum conhecido crítico literário que já deu sobejas provas da sua competência. São eles:

H. da Costa

Madame Butuller da Costa

Max Nosseck

António Lopes Ribeiro

Francisco Alves de Azevedo

que se pronunciarão definitivamente sobre o interesse das respostas recebidas.

Os três prémios oferecidos por H. da Costa aos leitores que apresentar em as três lendas mais curiosas, não são asneira nenhuma. Prefazem um total de mil escudos distribuídos proporcionalmente:

1.º prémio
500 escudos

2.º prémio
300 escudos

3.º prémio
200 escudos

"ANIMATÓGRAFO"

O Departamento de Selecção de Intérpretes, a última das iniciativas de «Animatógrafo», — sempre na mira de interessar cada vez mais a legião dos seus leitores, que de número para número aumentam em proporção consoladora — alcançou um êxito que sincera e orgulhosamente o dizemos, excedeu em muito a nossa expectativa.

Os nossos leitores acorreram com alvoroço à sede dos nossos serviços de «casting» apresentando-se a inscrever-se no «Casting Bureau» que «Animatógrafo» foi incumbido de organizar e que se destina à selecção de intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa, no primeiro dos quais, que como é sabido está sendo supervisionado por Max Nosseck e dirigido pelo nosso director, António Lopes Ribeiro, e se intitula «Gado Bravo», devem já tomar parte vários intérpretes, tanto masculinos como femininos, escolhidos de entre os leitores de «Animatógrafo» inscritos no nosso Departamento de Selecção de Intérpretes.

Como dissemos já, a afluência ultrapassou extraordinariamente as nossas suposições. Dezenas e dezenas de leitores — e as senhoras corresponderam galhardamente ao nosso convite, acorrendo à Secção Feminina do A B C, que tanto na segunda-feira, dia de abertura do «Casting», como na quarta-feira, esteve animadíssima — passaram em frente do nosso chefe de redacção, dr. Félix Ribeiro, que tem a seu cargo a direcção dos serviços do D. S. I. e o qual não teve mãos a medir, preenchendo com rigoroso método as fichas que vão constituir um precioso arquivo de tipos a aproveitar nas futuras produções do Bloco H. da Costa, enquanto Luís Nunes, o fotógrafo *attaché* do Departamento, fotografava os concorrentes.

Ora a razão desse êxito, que sobremaneira nos orgulha, é a final facilmente explicável pelo aspecto de seriedade e correcção com que a iniciativa foi lançada, e por isso mesmo perfeitamente compreendida pelos nossos leitores. Daí, pois, o êxito incontestável dessa nova organização.

Com isso cada vez nos sentimos mais satisfeitos, por não termos querido fazer uso para a escolha dos intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa, dos estafados e já desacreditados,

A inscrição de intérpretes para os filmes do BLOCO H. DA COSTA tem alcançado um êxito invulgar — Alguns dos inscritos revelam dotes excelentes para o cinema, devendo já entrar em "GADO BRAVO"

— pelos seus constantes e retumbantes fiascos — concursos de *fotogenia cinéfila*. Bem andámos, pois, em não nos termos utilizado de semelhante processo. Com isso só temos que nos felicitar.

Como dissemos no nosso número passado, e não nos cansamos de repetir, no próprio interesse dos leitores, o Departamento de Selecção de Intérpretes está aberto à inscrição de todos. Absolutamente **toda a gente** está apta a inscrever-se, porquanto, todos os tipos são necessários para um filme.

Deixar de concorrer seria o mesmo que deixar perder uma oportunidade que dificilmente se repetirá de entrar para o cinema, a aspiração máxima de toda a gente em todo o mundo, oportunidade que o Bloco H. da Costa oferece a todos os leitores de «Animatógrafo».

É POR ISSO QUE NINGUÉM DEVE DEIXAR DE SE INSCREVER NO D. S. I. DE «ANIMATÓGRAFO».

O serviço fixo — o outro serviço, volante, que é dirigido pelo nosso camarada Olavo de Eça Leal, deve ter início já na próxima semana — que se destina às pessoas que queiram voluntariamente inscrever-se no nosso «Casting Bureau», encontra-se aberto nos dias seguintes:

SENHORAS: 2.^{as} e 4.^{as} feiras, das 15 às 18 horas na Secção Feminina do A B C — 69, Rua do Alecrim.

HOMENS: 3.^{as} e 5.^{as} feiras, das 16 às 19 horas, na redacção de «Animatógrafo» — 61, Rua do Alecrim.

Cada concorrente receberá em troca da quantia de cinco escudos da inscrição, um talão com um número de ordem, sendo em seguida organizada a sua ficha que ficará com o mesmo número da inscrição, depois do que lhe será feita a fotografia, e lhe será oferecida uma prova em formato bilhete postal, precisamente igual à que fica arquivada. E a partir do número imediato à data da inscrição receberá pelo correio e gratuitamente durante um mês — ou sejam quatro números — a nossa revista.

«Animatógrafo», que não cessa de oferecer regalias aos seus assinantes, resolveu que para todos eles as inscrições sejam absolutamente gratuitas, ficando com os mesmos direitos dos outros concorrentes.

OS MELHORES RETRATOS SERÃO SUCESSIVAMENTE PUBLICADOS A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO NAS PÁGINAS DE «ANIMATÓGRAFO», COM UMA PEQUENA APRECIACÃO SOBRE OS CARACTERES DOS PAPÉIS QUE MELHOR PAREÇAM AJUSTAR-SE ÀS CARACTERÍSTICAS DO CONCORRENTE.

«Animatógrafo» não esqueceu os seus leitores da provincia. Poderão assim ingressar também nos nossos arquivos, como possíveis colaboradores do Bloco H. da Costa.

Todos os que se interessarem não têm mais que mandar uma carta, **TRAZENDO INCLUSO UM SELO DE 40 CTS.** para a respectiva resposta, endereçada ao: **DEPARTAMENTO DE SELECÇÃO DE INTÉRPRETES, «Animatógrafo», 65, Rua do Alecrim, Lisboa.**

Ser-lhe-á em seguida enviado um questionário que depois de devidamente preenchido nos será devolvido juntamente com uma fotografia formato bilhete postal e respectiva importância da inscrição — 5\$00.

E agora, estando todos os nossos leitores, tanto os de Lisboa como os da provincia, em igualdade de circunstâncias, não têm mais que acorrer à respectiva sededosserviços do Departamento da Selecção de Intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa, e inscrever-se:

INSCRIÇÃO DE HOMENS

A's terças e quintas

DAS

16 ÀS 19 HORAS

NA

REDACÇÃO

DE

ANIMATÓGRAFO

61, R. do Alecrim

LISBOA

INSCRIÇÃO DE SENHORAS

A's segundas e quartas

DAS

15 ÀS 18 HORAS

NA

SECÇÃO FEMININA

DO

A B C

69, Rua do Alecrim

LISBOA

Correio dos Cinéfilos

SERGIO, Lisboa — Como por certo viu, publicamos hoje, como lhe prometemos, um desenho seu a ilustrar uma notícia de Ramon Navarro. A seu tempo serão inseridos alguns dos outros que teve a gentileza de nos oferecer. Voltando ainda ao assunto *Venus Loira* confesso-lhe que desse filme tenho lido em revistas americanas e inglesas nunca em nenhuma delas vi referencia a essa scena. Pode ser que sim... pode ser que não... — Gostava muito de saber em que se fundia para supor que o Dr. Celuloide é esse nosso camarada.

Não se esqueça de me dizer a razão disso. E desde já lhe posso afirmar que são duas pessoas distintas e ambas verdadeiras. — A razão porque quasi exclusivamente todas as revistas publicam esses retratos é porque sempre são mais interessantes e aliciantes que os do sexo oposto. O meu amigo é o próprio a achar esplêndida a ideia. — E não se esqueça que leio sempre com prazer as suas cartas.

GUSTAV, Foz do Douro — Alguns desses documentários foram exibidos já. Leitão de Barros tenciona realizar tão depressa quanto possível as «Pupilas». — Que opinião lhe poderei eu dar acerca dum filme que apenas está começado? E de mais a mais não tenho sobre ele elementos que me habilitem a fazer qualquer juízo. Faça como eu: espere os acontecimentos...

AZAS, Lisboa — Acho que faz muito bem nessa sua attitude, que muito lhe agradeço. E espero que não deixará de se interessar pela nossa revista, nem de escrever para o Dr. Celuloide, que tem sempre muito prazer na leitura das cartas dos seus correspondentes... mormente quando são tão gentis como o é Azas.

— A Clark Gable enderece: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif., e a Neil Hamilton para os Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood Calif. Charles Boyer mora no 6, rue Dante, Paris (5) — O bilhete é só um, e o remédio para um caso desses, em que o contemplado não possa utilizá-lo, está senão estudado, para de certa forma compensar a sua não utilização. A seu tempo diremos como proceder. Esse caso foi, por isso, já previsto. — E agora não volte a pedir-me desculpa por me escrever. Só isso lhe aceitaria se estivesse muito tempo sem me dar notícias suas, o que estou certo não sucederá, não é verdade?

LOVE, ONLY LOVE, Cartaxo — Acredito na sinceridade dos seus elucios. De facto não eram precisos para eu lhe responder... Satisfazendo o seu desejo, publico neste número o seu pedido de correspondentes. E até breve, seu terrível amoroso...

DR. OX, Lisboa — A resposta à tua primeira carta foi publicada no número 9. Não tens mais que folhear a coleção, meu tão ilustre como caríssimo colega. — Para a tua querida Anita Cole, cuja morada já te dei, seria conveniente escrever-lhe em inglês e não menos conveniente mandar-lhe uns selos americanos na im-

portância dum quarto de dólar, ou sejam 25 centimos. — Retribuo os teus cumprimentos, assim como esses dois camaradas meus. — Lá publico hoje o teu pedido na Posta Restante. E saúdhna.

CAXULLO, Coimbra — Comunicámos à administração o que a ela dizia respeito. — A síntese que nos traça d'essa revista é flagrante e absolutamente certa. E' assim mesmo. Nós sabemos-lo por experiencia própria. Vou renovar o seu pedido na Posta Restante; creio bem que não deixará de ter com quem corresponder. — O amigo aí em Coimbra parece saber mais que eu aqui em Lisboa; essa de que a canção que servia para a prova de canto no concurso da Tobis tinha sido o «Burris» é novidade para mim. Confesso-lhe que ignorava tal pormenor. — Até breve, bom amigo.

MARQUEZ DO AMOR, Lisboa — Em resposta à sua carta começo por lhe dizer que nunca nos maça com as suas perguntas, o que aliás acontece exactamente a qualquer outro consulete; são precisamente essas as nossas funções em «Animatógrafo». — Emil Jannings é mesmo o seu verdadeiro nome. Nasceu em Brooklyn, New York, a 26 de Julho de 1886. Veiu com seus pais muito novo para a Alemanha onde tem sempre vivido. — *Variedades, Fausto, Tartufo, O Patriota, Tortura da Carne*, cantam-se entre alguns dos seus melhores filmes. — E pelo que respeito à *malta* não julgue que nos zangamos por isso. Não, senhor. — Na Posta Restante faço o que me pede. E fique descansado que não revelarei a ninguém a sua morada.

KU, KLUX, KLAN. — Acredito que me tivesse já escrito, mas o que lhe garanto é que a sua carta me não veio parar às mãos, pois de contrário já lhe teria respondido, como sempre faço a todos os meus correspondentes. — Tem ainda uma das mais importantes casas distribuidoras portuguesas: a Agencia H. da Costa, Avenida da Liberdade, 45. — A outra casa está domiciliada na Rua Alexandre Herculano, 21 rjc. E volte a escrever-nos quando necessitar de qualquer informação sobre assuntos cinematográficos.

O APAIXONADO DE LILIAN HARVEY, Vila do Conde — O mais que lhe posso fazer, atendendo ao facto de não saber esses idiomas, é dar-lhe um modelo para o amigo se guiar. Qualquer dia lho mandarei. O melhor que tem a fazer, para enviar essas importâncias, é comprar selos dos respectivos países que perfaçam essas somas. Nos bancos, ou nos consulados respectivos, deve encontrá-los. Parece-nos mais pratico que mandar cheque. — E agora já sabe; quando quizer alguma informação não tem mais que escrever ao Dr. Celuloide, e não à Administração.

MORENA DE SANT'IAGO DE CACEM, Cacem — Agradeço e retribuo as suas palavras tão amáveis, simpática moreninha, esperando também que não seja a primeira e ultima, a carta que lhe estou

respondendo. — Charles Farrell deixou há pouco a Fox, não estando agora sob contrato de qualquer outra empresa. Por isso lhe deve escrever para a sua morada particular, em Beverley Hills, Calif. (U. S. A.) Suponho que manda fotografia. — Dennis King, depois de ter interpretado *O Rei Vagabundo* voltou ao teatro. Agora, há bem pouco tempo, acabou de interpretar com Laurel e Hardy, a comédia *Fra Diavolo*. Pode escrever-lhe para os Metr. Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif. — E agora fica já sabendo que nunca nos importuna; bem pelo contrário.

MARY 20, Lisboa — Todos os meus camaradas lhe agradecem as palavras tão amáveis que a cada um V. dedicou. E aos deles junto também os meus... F'amos verdadeiramente encantados com o que nos disse. — As suas considerações acerca do nosso cinema e os comentários que faz a essas pequenas são muito inteligentes e absolutamente certas. E' assim mesmo. — E já que se interessa tanto pelas coisas de cinema, aconselho-a a inscrever-se no *Casting* do Bloco H. da Costa; há nele lugar para todos os tipos, não sendo essa razão que me apresenta absolutamente plausível para não tentar o cinema. Não tem, pois, justificação nenhuma para não concorrer. — E agora até breve, simpática Mary.

E. M. G. B. Porto — Mas com certeza; as assinaturas podem ser iniciadas a partir de qualquer número. Depende apenas da vontade do futuro assinante...

JOÃO SOARES, Evora — Tanto para um como para o outro, pode-lhe escrever tanto em francês como em inglês. Viveram muito tempo em França; daí o não lhes ser difficil comprehenderem o que o amigo lhes disser. — Pelo que vejo tem um certo *begin* pela Barbarasinha? Não me ganha... Ela é na verdade um encanto de rapariga. E' pena estar tão longe, não é? — A nossa, desculpe o plural mas tenha paciência, Barbara Kent chama-se na realidade Barbara Cloutman. E' natural do Canadá, tendo nascido em Gadsby, no estado de Alberta, a 18 de Dezembro de 1908. E' morena de olhos azuis. Antes de ter entrado para o cinema estava empregada numa casa de modas de Hollywood. Ganhava alguns prémios de beleza e depois de ter interpretado em alguns westerns Clarence Brown fez-lhe aparecer no *Diabo e a Carne* ao lado de John Gilbert e Greta Garbo. Ultimamente tem feito papeis de pequena importância. — Sim, senhor; não perca *A Imperatriz e Eu*, quando ai for, no Salão Central. E' um filme impecável, que nenhum cinéfilo digno desse nome deve deixar de ver. Lilian Harvey está nele mais adorável que nunca. — Volté a escrever quando lhe apetece.

VENUS DA COSTA DO SOL, Lisboa — Desculpe o atraso da resposta, mas como a correspondencia está aumentando de número para número e o espaço não possui aquelas propriedades de elasticidade que seria para desejar, é essa a razão

de tal precalço, que eu sou o primeiro a lamentar mas a que não posso dar o remédio conveniente... Verdade seja que agora tem, até certo ponto, um meio de ver abreviadas as suas respostas... Mas que isso não implique o deixar-me de escrever. Tenho muito prazer em lhe falar, e em a ler também. — Para lhe ser franco não sei ainda quando começará a filmagem da *Canção de Lisboa* — oficialmente nada nos foi ainda comunicado — nem tam pouco quando estará concluída. Faça como nós, espere pelos acontecimentos. Na Posta Restante respondendo por si a *Cinéfilo Amoroso*. A carta para o Duque já seguiu. — E creia que a-pesar do telefone, não dispense as suas cartas, simpática amiga.

JOSELINDO, Elvas — Nancy Carroll é uma artista muito simpática e bastante bonita. Lembra-se de a ver em *Segue o teu coração*? Estava nesse filme um verdadeiro encanto. — A última película em que a vimos foi em *O Homem que eu matei*. Terminou há pouco para a Paramount *I Love That Man* (Amo aquele Homem). Escreva-lhe para os Paramount Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, Calif. — Entre os que menciona *Eu de dia e tu de Noite* é para nós o melhor.

E. N. Porto — Agradeço e retribuo os seus amáveis cumprimentos. Comunicada à Administração a parte da carta que lhe dizia respeito.

Encontra numa das páginas anteriores a resposta à sua primeira pergunta. Quanto à segunda, é ainda muito cedo para poder responder com segurança. Finalmente, posso informá-lo que a exibição do filme a que se refere, se não fará já na presente época. E sempre ao seu dispor.

Posta Restante

LOVE, ONLY LOVE, nosso leitor do Cartaxo, deseja trocar correspondência com leitores de «Animatógrafo», por intermédio do Dr. Celuloide.

O DR. OX, de Lisboa, pede-nos para que comuniquemos a *Venus da Costa do Sol*, que teria muito prazer em com ela trocar correspondência, e no caso de aceder, nos informar disso.

CAXULLO, leitor coimbrão, deseja corresponder-se com leitoras de «Animatógrafo», entre elas com *Mimi Agulha*, por intermédio do Dr. Celuloide.

MARQUEZ DO AMOR, de Lisboa, pergunta a *Violeta dos Olhos Negros* se acede a correspondência com ele, por nossa interferencia.

PRINCEPO DO ORIENTE, de Lisboa, pede-nos para manifestar-mos o seu ardente desejo de se corresponder com *Violeta*, a *dos Olhos Negros*. E mais nos pede para que digamos àquela nossa leitora que os olhos dele são negros também...

CRITICA

Audiência Imperial



(Kaiserwalzer)
de FRIEDERICH ZELNICK

Simpática, esta nova película de Martha Eggerth. Simpática pelo argumento, de certo modo original, simpática pelos intérpretes, simpática pela linda música e pelos adivinhos mais lindos exteriores, simpática enfim, pelo cuidado que puzeram na sua encenação.

Zelnick dirigiu o filme por forma a merecer elogios. Não inventou coisas novas. Mas utilizou as velhas o melhor possível. Por isso o seu filme deixa boa impressão, tanto mais que se sente que foi tratado com carinho e especial atenção.

A abertura da película dispõe bem. As coisas bonitas que nos mostram e a música que ouvimos preparam esplendidamente o ambiente e tornam-nos indulgentes para o que vai seguir-se. E o que depois se segue não desmerece essa indulgência.

Foi curiosa a maneira porque Zelnick dá o escândalo que rebenta na região quando Mizzi parte na carruagem para o baile. Se as várias personagens falassem menos, o filme podia considerar-se perfeito, no seu género. Isso prejudica um pouco, como espectáculo, num país em que o alemão é compreendido por uma reduzida minoria.

Estão no desempenho grande parte dos motivos de agrado da *Audiência Imperial*. De facto todos os intérpretes são excelentes. O mais fraco é o galã, Willy Eichberger, um novo com bom aspecto mas que não se mexe ainda bem.

Martha Eggerth, a loirinha dos olhos meigos e da voz encantadora, está cada vez melhor, mais engraçada e representando na perfeição. O traje típico e o penteado com que aparece, ficam-lhe a matar.

Olly Gebauer, que vai desempenhar um dos principais papéis do *Gado Bravo*, faz a gentil Lori e muito bem.

Paul Hörbiger e Szöke Szakall campêo duas figuras pitorescas com aquela naturalidade e graça a que já nos acostumaram. Num papel secundário o excelente Fritz Kampers, que vimos no *Quatro de Infância* e na *Tragédia da Mina*.

Emfim, um filme agradável que diverte e dispõe bem, próprio da quadra que atravessamos.

Os filmes nesta época do ano deviam ser todos assim: alegres e frescos para nos fazerem esquecer o calor.

(Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal)

O Club dos Suicidas

(Unheimliche Geschichte)
de RICHARD OSWALD

Heinz Goldberg e Eugen Szatanzi, os cenaristas deste filme, não se saíram mal. Podiam, no entanto, ter-se saído melhor.

Mas já não está mal o que fizeram. Imaginar um argumento sobre quatro ideias diferentes, embora mais ou menos afins pelo ambiente, não é fácil. As quatro ideias foram a matéria de quatro novelas de Edgar Poe e de R. L. Stevenson. Os argumentistas, ao elaborarem o cenário, não aproveitaram as novelas, aproveitaram só as respectivas ideias-mães: a mulher e o gato emparedados, o museu do crime, o manicomio e o club dos suicidas.

Por isso não admira que as novelas se encontrem falseadas, principalmente a última, a alicante *Suicide Club* de Stevenson, de que não encontramos no filme nem o enredo, nem o ambiente, nem as estranhas personagens. Mas se trata aqui de adaptação. Trata-se simplesmente de um arranjo inspirado nessas novelas, e portanto não podemos exigir mais.

Richard Oswald realizou o filme com notável segurança. Muitas cenas foram compostas primorosamente, com meticulosidade e vigor, como

esse episódio horrivelmente picaresco do manicomio, um verdadeiro achado espectacular, embora falso e absolutamente fantasista, pois os loucos são incapazes de movimentos colectivos.

As cenas passadas no club dos suicidas ganhavam se fossem mais sóbrias, menos extravagantes, ou pelo menos se fossem duma extravagância menos espectacular, como Stevenson as criou.

Embora não fosse possível respeitar o enredo da novela, respeitasse-se ao menos o ambiente, tanto mais que o que inventaram para substituir os dados originais fica muito abaixo deles.

Em Stevenson não há maquinismos imprevistos, relógios fatídicos, decorações espalhafatosas. Há uma atmosfera de tortura moral, de angústia, vigorosa e impressionante, conseguida sem se recorrer a fantasias baratas.

Por isso a última parte do filme que podia e devia ser a mais forte, é exactamente a mais fraca.

E depois não se percebe porque é que o jornalista não é morto no fim das badaladas. Wegener julga-o morto. Mas porque morreu ele?

Paul Wegener desempenha o protagonista, um verdadeiro monstro. Fã-lo por forma convincente, e é este o seu melhor elogio. De resto papéis destes para Paul Wegener são brincadeiras. Harald Paulsen faz o jornalista simpático e audacioso que acaba por vencer o monstro. Não o faz mal, mas precisava de mais *allure*, precisava afinal de ter sido mais convencional para mais se ter imposto.

Todos os outros intérpretes, e muitos são, desempenham à maravilha as suas figuras. Até o gato...

A fotografia é de Heinrich Gärtner, o famoso operador que se encontra em Portugal para filmar o *Gado Bravo*, o primeiro filme do Bloco H. da Costa. Como sempre, Gärtner trabalhou im-



pecavelmente e num filme como este, isso ainda é mais de apreciar, dadas as dificuldades especialíssimas provocadas pelo ambiente requerido. (Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal).

Honra de Amante

(Honor among lovers)
de DOROTHY AZNER

Os argumentos americanos nem sempre são disparatados nem incongruentes. O que têm é sempre uma feição própria, motivada pela sua idiosincrasia e pelas características da vida e da civilização que distinguem o povo *yankee* de qualquer outro. Como essa maneira de ser, de sentir e de proceder estão imensamente distantes da nossa mentalidade e da nossa sensibilidade, muitas coisas que lá são naturalíssimas e vulgaríssimas tomam, para nós, um aspecto extravagante, falso, convencional.

Dá-se um pouco isso com o argumento deste filme. O conflito e as sucessivas soluções por que as figuras em jogo o procuram resolver, estão certas, humanamente certas na América. A nós, podem parecer erradas, mas não estão. O que é preciso é olhá-las como um documento da vida americana e não como um caso universal.

As duas figuras principais são talvez pintadas com tintas demasiado cor de rosa. Mas é preciso não descreír da humanidade. Nada impede que admitamos a existência de tão leais e rectas pessoas.

Dorothy Azner foi a realizadora da película. Já vimos trabalhos seus muito mais perfeitos. Neste faliu em absoluto em dois pontos: a forma porque deu o desenvolvimento do conflito e a progressão de tempo. Nem num nem noutro ponto empregou processos cinematográficos. O conflito foi todo conduzido nos diálogos e a progressão do tempo dada por legendas, muito simplesmente.

Óra se este ultimo processo é condenável sómetu sob o ponto de vista técnico, o mesmo já se não pode dizer do primeiro, que inferioriza o filme também nas suas qualidades espectaculares.

Foi interessante a forma por que souberam marcar a diferença entre as duas personalidades representadas por Frederick March e por Monroe Owsley, utilizando o arranjo dos interiores das respectivas casas. A de Owsley — no filme um par-



um, um arrivista recém-enriquecido — decorada com espanto, no estilo modernista mais berante. A de March — rico de sempre, homem de educação — arranjada com um luxo seguro, um tudo-nada severo, discreto e autêntico.

Frederick March desempenha o protagonista com a maior correcção. Mas o papel é, sem dúvida, curto para os seus meios. Verdade seja que isto é um defeito. Claudette Colbert dá-lhe a réplica. O seu trabalho está certo, sómente não brilha porque o papel também não dá para isso. Completam a distribuição os excelentes Monroe Owsley e Charles Ruggles, que tornam a afirmar-se dois artistas de vincadas personalidades e largos recursos.

(Distribuição da Paramount Films S. A.)

Diplomata para Senhoras

(Der Fraendiplomat)
de E. W. EMO

Outro filme simpático e engraçado, sem pretensões, mas agradável por isso mesmo.

O argumento não está mal arquitetado. Por vezes roça pelo disparate, o que talvez se escusasse.

Mas a história desse adido de embaixada que atrai as mulheres irresistivelmente, não deixa por isso de divertir, antes pelo contrário.

Evidentemente que o argumento não resiste à mais ligeira análise. Mas quem for analisar à luz da lógica e das realidades um argumento deste género, ou é maluco ou idiota. Desde que tenham sabido inventar uma história suficientemente cômica e imaginosa, que não seja estúpida, está tudo certo. É o que se dá com o *Diplomata para senhoras*.

E. W. Emo dirigiu a realização com a sua costumada habilidade; podia no entanto ter dado ao filme maior coesão.

Martha Eggerth torna a encantar-nos. Continua igualmente graciosa mas vai ganhando desmbarço. Representa agora mais a vontade e com mais alegria.

Max Hansen consegue com a sua enorme naturalidade fazer-nos esquecer o seu físico embeirrento. É sem dúvida um actor.

Noutros papéis, o excelente Leo Slezak, Anton Pointner, Albert Paulig e muitos outros.

Foi pena não terem arranjado duas mulheres bonitas para fazerem as esposas levianas dos



embaixadores. As que as fazem são «pouco bonitas» demais...

A música de Hans May é alegre e melodiosa. (Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa).

Domingos Mascarenhas

Harold Lloyd

(Continuação do número anterior)

A falta de espaço com que lutámos a semana passada obrigou-nos a remeter para este número a publicação das apreciações sobre os complementos.

Os leitores encontrarão, portanto, aqui, referências aos complementos dos últimos quinze dias.

Na penúltima semana só a Paramount teve ocasião de apresentar «actualidades». Foram quatro, nada menos, as revistas mundiais que incluiu nos programas exibidos. Isto, que seria ótimo se as «actualidades» fossem boas, não foi mau apesar de não o serem, porque serviu para despachar uma quantidade enorme de «actualidades» velhas. Entre as coisas e personalidades de mais interesse mostradas nessas revistas mundiais destacamos Einstein, Roosevelt, Padewski, Hitler, o dr. Schacht, Von Papen, um incêndio em Tokio, saltos de Ray Wood, Herriot, os funerais de Coolidge, etc. No setc estão: três corridas de cavalos, duas cenas de circo, uma tempestade na costa dos Estados Unidos, uma prova de skis, exercícios da esquadra americana e outras coisas de igual calibre.

Para que se faça uma ideia da «idade» destas «actualidades» basta dizer que incluíam o incêndio do Atlantique e os funerais de Coolidge, dois acontecimentos que já têm barbas brancas.

Na semana passada as «actualidades» apresentadas não foram melhores. A Fox exibiu o seu jornal n.º 74, quasi todo ele composto de curiosidades sem importância, como um aparelho para experimentar o pretentendo a pilotos de aviação e o «auto da morte», número de sensação inventado por um senhor de Nuremberg para a Exposição de Chicago. Tornamos a ver a abertura do Reichstag, mais de um mês depois de já a termos visto noutras «actualidades», e observamos uma grande manifestação dos antigos combatentes contra a guerra, em Genebra. Também nos mostraram Mascagni, o celebre compositor da «Cavalia Rusticana» que acaba de fazer 70 anos.

H. da Costa apresentou uma revista em que se vê uma curiosa festa na Itália fascista, e o Noticiário Sonoro U. F. A. n.º 24, em que se mostravam uns poucos de números sobre costumes típicos daqui e das lá, algumas coisas sem importância e duas coisas bonitas: aspectos do lago Wansee nos arredores de Berlim, com 500 barcos de sport a corda-lo em todas as direcções, e uma parada em Bengosi, na Civenaica quando o rei de Itália visitou as colónias italianas de África, ultimamente.

A Paramount apresentou também uma revista sem interesse especial.

Apesar de já estarmos no fim da época não se justifica de maneira nenhuma esta pobreza de «actualidades». E era bom que os srs. exibidores fossem pensando em transformar radicalmente os seus processos quanto às «actualidades», para que, na próxima época, possamos vê-las capazes.

Desenhos animados

Não gosto de madrugar, canção de Irving Berlin posta em desenhos animados pelos Fleischer. A canção é bonita e a fantasia que presidiu à execução do filme foi suficientemente abundante para que o filme resultasse encantador.

Fuga mal parada, dos Fleischer também, com a orquestra de Cab Calloway. Esplêndidos desenhos animados, cheios de imaginação e de graça.

Na primavera os passarinhos fazem ninhos, ainda dos Fleischer. Uma linda canção interpretada de nova maneira dos Fleischer, isto é, por desenhos animados e por fotografia de coisas reais.

Mickey nas Pampas de Walt Disney — Este desenho é como que o primeiro estado daquele outro, maravilhoso, exibido há pouco: The Klondike Kid. Disney aproveitou a mesma ideia, e desenvolveu-a. Vê-se até no Mickey nas Pampas, a cena dos tiros nas trevas, em embrião. Neste já há momentos felicitíssimos, como a dança do Mickey e a perseguição.

Festa no Club de Walt Disney — Um desenho animado fraco, para ser de Walt Disney, porque está apesar de tudo acima da média geral. As melhores cenas são talvez as de Mickey ao piano.

Documentários portugueses

Mosteiro da Batalha — da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Mais uma vez vimos o mosteiro da Batalha mas desta não foi mal mostrado. Alguns dos enquadramentos foram mesmo felizes. A fotografia deixando a desejar.

Convento de Cristo da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Mais outra vez tivemos de ver o celebre convento de Tomar, e, diga-se em abono da verdade, não nos maçamos, porque os operadores souberam tratar o assunto com gosto e consciencia. Mas não haverá em Portugal nada mais que mereça as honras dos «100 metros»?

A chegada de Siegfried Arno — da Ulyssea Filme — Vários aspectos da chegada a Lisboa do simpático actor alemão. Boa fotografia e o assunto tratado com graça.

Aspectos de Peniche — da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Os dois operadores trouxeram de Peniche um documentário «bonito», com alguns lindos planos, numa boa fotografia.

(Conclui na página 17)

Só incidentalmente o ameaçam perigos morais. E isso é raro. Pelo contrário, nos filmes de Chaplin, nos filmes de Keaton, nos filmes de Laurel & Hardy, o principal excitante do riso é o perigo moral. Charlot é tomado por gato, quando afinal foi outro que roubou. Pamplinas descredita-se apresentando uma reportagem cinematográfica falhada. Laurel & Hardy pagam um jantar que oferecem a um policia, com dinheiro que encontraram — e que peitencia ao policia. Etc.

Harold, para fazer rir não precisa de ridicularizar-se. Faz rir pela maneira imprevisível e elegante com que se desembaraça das situações difíceis em que se encontra.

Para as vencer, só raras vezes recorre ao acaso. Quasi sempre é ele próprio que descobre a maneira de livrar-se delas, á força de inteligência e de habilidade. Uma das particularidades de Harold Lloyd é a de não ser covarde, como quasi todos os outros cómicos. Não teme ir ao encontro das situações. Só uma coisa lhe complica com os nervos: os fenómenos com aparência sobrenatural. Cadáveres, fantasmas, a escuridão, luzes que se deslocam misteriosamente, alcapões, teias de aranha, tudo isso lhe causa arrepios e lhe põe os cabelos em pé. Explora como nenhum outro o cómico do terror. As suas reacções nervosas, movimentos reflexos inevitáveis, incontroláveis, são inconfundíveis. Na «Sogra Fantasma» e em «Harold Engravado» (que título para «Welcome Danger», santo Deus!) abundam os exemplos.

E' um erro supor que Harold Lloyd é apenas um fantasista, desprovido de qualquer fundo sentimental. «Levado da Breca» (que título para «The Kid Brother», santo Deus!) revelou-nos um Harold sensível, delicado, capaz de enternecer, de «tocar no fundo» das nossas almas. Mas sobre tudo isso prevalece o optimismo, a serenidade (que não é indiferença, como a de Keaton, nem fatalismo, como a de Charlot), o oportunismo de Harold Lloyd, principe do riso sem travo amargo, confortável, espontâneo, escancarado.

Por isso Harold Lloyd é, de entre todos os cómicos do cinema, o mais popular — incontestavelmente. Porque o cinema é, tal como o definimos uma arte burguesa — essencialmente.

E damos por muito satisfeitos, pois conseguimos escrever um artigo acerca de Harold

Lloyd, sem nos referirmos, uma vez sequer aos seus óculos de aros de tartaruga.

Escrevemos isto em 1931.

Hoje, ostensivamente, vamos falar nos óculos de Harold Lloyd.

Já dissemos que eles hoje não bastam para o distinguir do resto dos mortais. Advogados, médicos e engenheiros, funcionários públicos, milionários e os artistas, adoptaram muito a sério um modelo que um cómico tinha criado para se dar um ar ingenuo e ahuri.

E' um caso único de generalização duma moda extravagante.

E não lhe roubaram a generalidade: os óculos redondos, de aros grossos, chamaram-se sempre óculos á Harold.

Vimos Harold pela primeira vez no Cinema Condes, a que devemos também a nossa iniciação chaplinesca, num filme magnificamente agitado que se intitulava: *Ele e os policia*.

Ele e os policia é o prototipo do filme perseguição (de que Clarence Badger fez a obra prima: *Vencendo pela Brandura*, com Raymond Griffith).

Não víamos Harold provocar involuntariamente a cólera dum policia.

Mais tarde, noutro filme de Harold veríamos o mesmo efeito aprefeccionado: a provocação era voluntária, pois só assim o nosso homem conseguia arrastar a força pública de que necessitava para salvar a dona dos seus cuidados.

Assistia-se então a um fenómeno quasi bíblico: a multiplicação dos policia. O guarda que, por culpa de Harold Lloyd, caía ao lago, chamava um segundo guarda em seu auxilio. Logo um terceiro... um quarto... E, no final do filme, era todo um regimento, com chefes de automóvel e tudo, correndo em passo ginástico atrás de Harold!

Harold conquistou-nos imediatamente pela agilidade e elegância dos seus movimentos e da sua inteligência. Acompanhamos com desvelo a sua carreira. Não perdemos uma única das suas farsas: *Ele e a sondmbula*, em que Mildred Davies, que seria sua mulher, substituiu pela primeira vez Jobyna Ralston, *Ele no teatro*, *Ele e ela*, *Ele no México*, etc. — até á *Caça á raposa*, que se estreou no Tivoli, e que foi a sua consagração.

(Continua no próximo número)



Harold Lloyd e Barbara Kent em «Wilcorne Danger» (Harold Engravado)

Chiado Terrasse SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 30 % NAS MATINÉES DE 3.ª FEIRA, 20 ou 6.ª FEIRA, 23 DE JUNHO	Central SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 50 % NA MATINÉE DE 4.ª FEIRA, 21 DE JUNHO	Palácio SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 50 % NA MATINÉE DE 5.ª FEIRA, 22 DE JUNHO	Central SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 50 % NA MATINÉE DE 6.ª FEIRA, 23 DE JUNHO
Condes SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 25 % NA MATINÉE DE SÁBADO, 24 DE JUNHO	Olympia SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 50 % NA MATINÉE DE SÁBADO, 24 DE JUNHO	São João (PORTO) SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS COM O DESCONTO DE 50 % NA MATINÉE DE SÁBADO, 24 DE JUNHO	Odéon SENHA VÁLIDA PARA 2 ENTRADAS DE PLATEIA OU DE BALÇÃO EM TODAS AS MATINÉES DA SEMANA DE 20 A 27 DE JUNHO EXCEPTUANDO A DE QUINTA-FEIRA, 22 E A DE DOMINGO, 25 E PAGANDO APENAS 2850

Os salários das estrélas de Hollywood

(Conclusão da página 7)

cebe 5.000 semanalmente. Clark Gable, na mesma ordem de idéas, teve os seus salários singularmente diminuídos, estando a ganhar apenas 500 a 750 dólares por semana de trabalho. No princípio com o seu salário e percentagem ganhava 2.500 dólares por semana.

Semelhantes ordenados, sem rima, nem razão não podem ser analisados. São assim mesmo.

E' verdadeiramente desagradável que haja apenas 1500 pessoas que ganhem em Hollywood mais de 150 dólares por semana. E' lamentável justamente porque se tem falado muito acerca do dinheiro que em Hollywood se recebe. Esta é a verdade. Entretanto, recorrendo às investigações da Academia, constata-se que, além dos actores independentes que às vezes conseguem receber bastante dinheiro, há uma série de estrélas e estrelinhas a quem não acontece o mesmo. Edmund Lowe ganha à roda de 5.000 dólares por semana com cinco semanas garantidas por película. Victor Mac Lagien ganha pouco mais ou menos o mesmo. Edward Everett Horton, com os seus papéis cómicos consegue ser pago por 5.000 dólares semanais obtendo, uma, duas ou três semanas de contrato obrigatório. E' um homem que tem os seus preços, dos quais não sai nunca.

A mais importante condição para que um contrato seja rendoso, reside no entusiasmo do público.

E' o entusiasmo que eleva os artistas, aumentando o seu valor até fóra das normas razoáveis. Os entusiasmos crescem rapidamente nos dias de prosperidade; decrescem com maior velocidade ainda, nos tempos de depressão. Uma estréla cara está num maior perigo de perder a sua situação que um actor de segunda ordem.

Uma prova disto é o que se diz acerca de John Gilbert e da M. G. M. e os rumores que correm de que Constance Benne, Marie Dietrich, Ann Hardings, Ronald Colman e George Arliss, não renovam o contrato e se encontram à beira dos maus dias. O salário que Constance Bennett ganha hoje é 7.500 dólares por semana. Parece excessivo. Gilbert pedindo por cada filme 25.000 exagrou também.

Mas nada destas considerações prevaleceria se o cinema estivesse florescente como quando do advento do cinema falado. Nessa ocasião nem o preço parecia exagerado. Nada era caro quando o cinema estava em maré de rosas financeiras.

Nenhuns rugidos se ouviram enquanto as dificuldades financeiras se não repercutiram no cinema.

Os produtores tratam as estrélas pagando-lhes somas fabulosas por várias razões. Algumas não se aperceberam das condições em que eram contratadas e daí os maiores desastres. Greta Garbo com 10.000 dólares por semana parecia ganhar um ordenado exorbitante. Na verdade Greta era nessa ocasião considerada em Hollywood como uma estréla de prestígio. Semelhante facto é sempre levado em conta pela companhia contratante.

Há na América quatro estrélas mais populares que Greta Garbo, e que são Marie Dressler, Janet Gaynor, Joan Crawford e Norma Shearer; mas Garbo tem muito mais interesse comercial. E' a maior atracção das bilheteiras de cinema das grandes cidades.

E é necessário não esquecer que é dos grandes centros que vem o «grande dinheiro». O mesmo se dá com Chevalier, que além de ter um grande público americano, tem também um enormíssimo público no estrangeiro.

Al Jolson era o «czar» dos filmes falados nos seus primeiros tempos. Enchia os teatros. Isto fazia com que ganhasse 500.000 dólares. Depois começou a perder o interesse e muitos dos seus fracassos foram devidos exclusivamente aos maus filmes que interpretou. Entretanto *Hale-bujah*, *I'm a Bum* não compensaram apesar de ser um bom filme.

John Gilbert ganhava 250.000 dólares por película, mas os seus contratos haviam sido assinados antes do cinema falado surgir.

Norma Shearer e Joan Crawford que recebem 2.000 ou 3.000 por semana, mais que Marie Dressler, perdem os seus cartéis porque se mantêm há muito no mesmo género.

Quando os Warner contractara Ruth Cham-

terton e William Powell, desejavam estas estrélas por razões comerciais. Tiveram uma larga competição com uma casa concorrente. Nenhum preço era suficientemente alto para pagar o prestígio que eles gosavam.

Will Rogers é uma estréla de prestígio; ganha 135.000 dólares por película. Tem um contrato com a Fox que lhe dá 75 mil dólares por filme.

Os filmes estão neste momento num declínio financeiro evidente. Ninguém sabe o que sairá daqui.

Mas se os contratos para o futuro forem feitos por um período menor, os salários poderão diminuir. Os produtores podem agrupar-se e trabalhar de colaboração, estabelecendo o preço que mais lhes convenha. Agora já os produtores alcançaram uma plataforma de colaboração. O plano consiste em recrutar os artistas por intermédio da agência, onde os seus serviços serão avaliados pelos produtores, que lhe pagarão somas razoáveis.

Poderá ser que eventualmente todas as estrélas venham a trabalhar com percentagens. Muitas optam por este sistema e consideram a percentagem avaliável e muito melhor.

(Conclusão da página 16)

fia. Mas estão a exhibir-lhes o trabalho numa cópia de tal maneira vergonhosa, que isso só pode prejudicar o seu nome, pois o público não sabe que se a película está riscada é por defeito da cópia e não por insuficiência dos operadores.

Farsas

Slim na Alemanha — de Slim Summerville e Eddie Gribbon — Excelente farsa esta, dos dois conhecidos cómicos. Três ou quatro gags de primeira ordem: os exercícios dos soldados comandados pelo fonoógrafo, a granada perseguida pelas ruas os transeuntes, o caudal de cerveja, etc.

Manequins de carne e osso — Models and wives — da Universal. Realização de Charles Lamont, com Charles Murray e George Sidney — Esta farsa já deve ser antiga mas não deixa por isso de ter graça. Novamente os dois excelentes cómicos se vêem em palpos de aranha, perseguidos pelas respectivas esposas que não os deixam pôr pé em ramo verde.

As cenas com os dois manequins de carne e osso de carne e osso, francamente engraçadas.

D. M.

ANIMATOGRÁFO

ANO I

NÚMERO 12

Lisboa, 19 de Junho de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO

Editor: JOÃO FERREIRA E SOUSA

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Imprensa: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTHOLD IERMOG

TELEF. 2 1276

Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

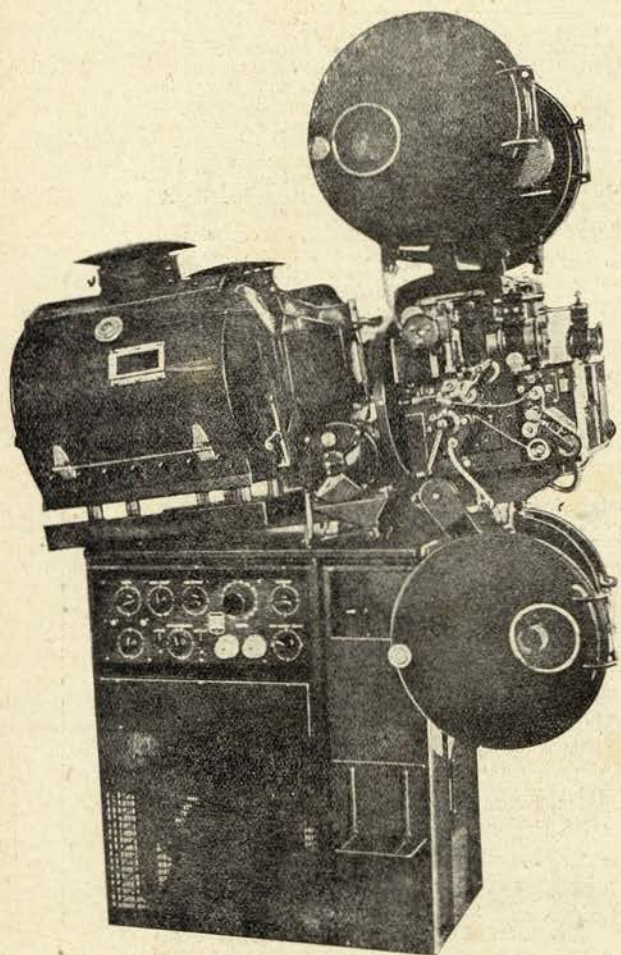
ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três meses, 16\$00 — Seis meses, 31\$00 — Um ano, 62\$00. (Para os assinantes, cada número custa somente 1\$20)

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

1.º preço 1\$50

Ouçam

no cinema da
Exposição Industrial
a instalação
«PHILISONOR»
BLOCKPOST



A todos os proprietários de
cinemas rogamos uma visita
à cabine onde lhes poderemos
dar todas as informações

Para todos os detalhes dirigir-se à

Soc. Com. Philips Portuguesa

AVENIDA DA LIBERDADE, 3-1.º — LISBOA



NILS ASTHER VOLTA A TRABALHAR NO CINEMA

Nils Asther, o simpático sueco que o casamento com Vivian Duncan — uma das famosas Duncan Sisters — afastou do cinema durante dois anos, voltou agora à actividade dos estúdios, depois de ter presenteado Vivian com um loiro bambino e dela se ter divorciado em seguida. Nils Asther, que tem trabalhado com algumas das grandes vedetas americanas, está presentemente interpretando para a Metro o filme «Strange Rhapsody», ao lado da morena insinuante que é Kay Francis.



NÓS TAMBÉM TEMOS SONHADO COM AS RAPARIGAS ASSIM. JEAN PARKER É TAL QUAL A IDEIA QUE FAZEMOS DO PARAÍSO. APETECE GUARDÁ-LA NUMA CAIXINHA DE VELUDO PARA NÃO SE ESTRAGAR. MAS ELA NÃO QUERE. PREFERE APANHAR SOL E TOMAR BANHOS DE MAR